



- Não temos essa informação patrão – respondeu Darci. - Talvez seja só boato do povo. A cidade já tem tanta gente que o povo já não se conhece mais. Todo mundo está virando desconhecido.
  
- Vocês sabem que não dá para brincar com essas coisas. Otávio não pode saber que o pai está por perto. Isso pode estragar tudo o que planejamos para ele.
  
- Fique tranquilo patrão que nunca contaremos isso para ninguém. – disse Darci - É nosso segredo e vai morrer conosco.
  
- Espero que assim seja, porque, caso contrário, vocês morrerão por minhas mãos.

Altair deixou os irmãos preocupados, pois eles sabiam o potencial de praticar maldades que o patrão tinha. Mas eles eram jagunços e nada temiam. Se fosse para morrer, morreriam lutando.

Altair deixou a fazenda e seguiu para a cidade no caminhão que tinha sete jagunços na carroceria, prontos para entrar em ação. Em questão de uma hora estavam chegando ao armazém de seu Medeiros. Os jagunços desceram da carroceria e se puseram em prontidão para que o patrão pudesse descer do veículo.

Quando entrou na venda procurou seu Medeiros para fazer o pedido de mantimentos que desejava. Enquanto o bodegueiro arrumava os produtos pedidos Altair se aproximou da porta do depósito e viu três homens trabalhando na repartição.

Chegou de mansinho e olhou os empregados firmemente. Pedro e José, quando notaram que estavam sendo observados, cumprimentaram Altair

com um aceno de mão e uma leve inclinação de cabeça. O outro empregado notou que os colegas haviam feito um sinal com um piscar de olhos, cumprimentou Altair e abaixou a cabeça continuando seu serviço. O chapéu havia escondido seu rosto e Altair não notou efetivamente quem era o terceiro trabalhador.

O patrão deixou o armazém depois que os mantimentos haviam sido carregados no caminhão. Despediu-se de seu Medeiros com uma leve impressão de que deveria ter visto melhor o terceiro empregado que ele mantinha no serviço do depósito.

[Continuar...](#)